

# “A VIDA, AI, QUÃO BREVE NAVEGAÇÃO DE CABOTAGEM”

## Memória e autobiografia em Jorge Amado

Douglas de Sousa

Começo por avisar: não assumo qualquer responsabilidade pela exatidão dos fatos, não ponho a mão no fogo, só um louco o faria. Não apenas por serem decorridos mais de dez anos mas sobretudo porque verdade cada um possui a sua, razão também, e no caso em apreço não enxergo perspectiva de meio-termo, de acordo entre as partes (*Tieta do Agreste*, AMADO, 2009, p. 19).

Antes de tudo é preciso firmamos um pacto. Um pacto para adentrarmos a fala, a escrita e a autobiografia de Jorge Amado, em seu “livro de memórias que jamais escreverei”. Uma “advertência” de um narrador para ilustrar a autobiografia do autor, ou para chegarmos ao autor. Uma voz narrativa ficcional a fim de invadirmos uma voz real. Escolhemos, para epigrafar este texto, um trecho dito pelo narrador do romance *Tieta do Agreste* (1977). Nosso objetivo é, pois, contrapor o narrador da obra citada anteriormente com o narrador Jorge Amado em *Navegação de Cabotagem: apontamentos para um livro de memórias que jamais escreverei* (1992).

O narrador de *Tieta do Agreste*, em terceira pessoa, onisciente, posiciona-se de modo a eximir-se de qualquer responsabilidade sobre a narrativa, sobre a decorrência e, muito menos, a veracidade dos fatos. Escorregadio, melindroso, porém falador, fica claro, já no início da obra, uma construção narrativa que se realiza por meio de um pacto do narrador com seu leitor. Um narrador que não assume qualquer responsabilidade, já insinuando a seu leitor o caminho que percorrerá. Adiante, na obra em estudo, esse mesmo sujeito enunciativo alerta: “Enredo incoerente, confuso episódio, pleno de contradições e absurdos, conseguiu atravessar a distância

---

Este trabalho foi originalmente apresentado no congresso “II Seminário Nacional de Literatura e Cultura - Morte e retorno do autor”, Brasília - Brasil, ano de 2015. Trago agora o texto em versão digitalizada para aqui expor à comunidade de leitores e leitoras de Jorge Amado.

a mediar entre a esquecida cidadezinha fronteiriça e a capital” (AMADO, 2009, p 19). Se o narrador de *Tieta do Agreste* exime-se de toda e qualquer responsabilidade ao narrar a vida de uma das maiores prostitutas da literatura, o contrário ocorre em *Navegação de Cabotagem*. Publicada em 1992, nessa obra encontramos os relatos de vida e literatura de um dos autores brasileiros mais lidos. Dividido em relatos que beiram a crônica memorial, datados e com títulos, escrito em primeira pessoa, esse livro de Amado leva seu leitor a conhecer sua vida e projeto literário, por meio, também, de depoimentos. Um passeio pela vida pessoal do autor narrado por ele mesmo por meio de apontamentos (como assim são chamados no subtítulo da obra) que, na forma como são organizados, não obedecem a uma sequência temporal, mas parecem-nos seguir o fluxo da memória à medida que brotaram durante a escrita. Conforme o autor: “As notas que compõem esta navegação de cabotagem (ai quão breve a navegação dos curtos anos de vida!), à proporção que me vinha à memória, começaram a ser postas no papel a partir de janeiro de 1986” (AMADO, 2012, p. 11).

Essa autobiografia de Amado permite um adentramento/entendimento maior –mais amplo – no/sobre o fazer literário do escritor. Fornece insumos, calços, reflexões extras e também os bastidores do processo criativo de algumas de suas obras. Podemos ler em *Navegação de Cabotagem*, mediante os relatos autobiográficos do autor, passagens da sua vida desde o âmbito mais pessoal – amores, desafetos, inseguranças, conflitos, contradições, amizades, posições ideológicas... – até a constituição da sua obra nas perspectivas política e literária. A intenção, segundo o próprio romancista é de “[...] apenas contar algumas coisas, umas divertidas, outras melancólicas, iguais à vida. A vida, ai, quão breve navegação de cabotagem!” (AMADO, 2012, p. 13).

Porém, *Navegação* extrapola os limites desse “apenas contar”. A começar pela notável quantidade de páginas<sup>1</sup> e relatos que vão desde a década de vinte até a de noventa do século XX, formando um imenso e variado painel da vida e escritura de Jorge Amado. Um imiscuir-se: vida/obra, realidade/ficção, pessoas reais/personagens de ficção. Além, é claro, dos diversos cenários sociais e políticos, paisagens urbanas e rurais, contextos de ditaduras, guerras e perseguições, e a geografia de todo o mundo por onde Amado percorreu e deixou sua marca. Encontramos também as idas compulsórias como o exílio, as viagens livres pelo mundo, as celebridades e anônimos que fizeram parte de seu ciclo de vida, tudo reunido nesse imenso

---

1 A última edição, da Companhia das Letras, de 2012, tem 508 páginas, contando ainda com fotografias de Jorge Amado, familiares e amigos, posfácio de Lêdo Ivo e um índice onomástico para facilitar a busca das diversas pessoas citadas no texto.

mosaico de memórias, a partir do fio invisível das marcas da mente do escritor, que se tornam também nossas ao navegarmos em suas páginas.

Na tradição literária, poucos foram os grandes escritores que escaparam da escrita autobiográfica, pois escrever um livro e publicá-lo já implica em um ato de exposição. Tal verdade assume maiores proporções quando o relato é autobiográfico. Falar em primeira pessoa, narrativa direta, construída a partir da memória, das pegadas já vividas, de fatos reais (acontecidos) e postos a prosa, é algo que muitas vezes fustiga e inquieta o leitor. Poder adentrar no universo particular do autor, percorrer seus caminhos, anseios e também contradições é característica da autobiografia.

Ser biografado, ou biografar-se, é um ato por excelência de exposição, de revelação, de trazer à tona detalhes e enredos, sejam cronologicamente arrumados, ou esparsos, que não estavam à vista do leitor. É chamar a atenção sobre algo; e esse algo é o sujeito biografado ou autobiografado. De modo que toda escrita da vida, seja a escrita pelo próprio sujeito ou por outrem é traçar um grande tecido de seiva viva e matérias múltiplas que vão desde as narrativas reais até o enaltecimento e fortalecimento de alguns aspectos particulares da vida, ou até, quem sabe, da sua ficcionalização. É nesse princípio que se baseia as autobiografias, como explicita Lejeune:

Ela tampouco está fundamentada na análise interna do funcionamento do texto, da estrutura ou dos aspectos do texto publicado, mas sim em uma análise, empreendida a partir de um enfoque global da publicação, do contrato implícito ou explícito proposto pelo autor ao leitor, contrato que determina o modo de leitura do texto, nos parecem defini-lo como autobiografia (LEJEUNE, 2014, p. 45).

Jorge Amado é um autor, um homem da cultura e um cidadão brasileiro que praticamente viveu todo o século XX. Explorar as páginas de sua autobiografia é visitar todo esse século e conhecer suas grandes personagens, acontecimentos e murmúrios sociais. Os relatos biográficos, evidentemente, em *Navegação de Cabotagem*, não ficam restritos somente à figura do autor, estendem-se a outros nomes, personalidades — algumas mais conhecidas, outras menos — do convívio pessoal de Amado. Ao falar de si, Jorge Amado levanta uma multidão de vozes sociais e acontecimentos que viveu ou que transpassaram pelo fio de suas memórias de forma direta ou indireta, o que suscita o caráter coletivo que as autobiografias carregam. Não se trata apenas de uma voz isolada, narrando a si mesma em um ato egoico. A relação com o outro, como seres sociodiscursivos que somos, segundo Mikhail Bakhtin (2003), vem com toda força a partir de relatos pessoais, autobiográficos na tecedura de *Navegação de Cabotagem*.

Nesse sentido, extraímos, logo ao embarcamos nessa navegação, as considerações preliminares do autor aos seus navegantes:

Consciente e contente que assim seja, reúno nesta *Navegação de cabotagem* lembranças de alguém que teve o privilégio de assistir, e de por vezes participar, de acontecimentos em certa medida consideráveis, de ter conhecido e por vezes privado com figuras determinantes. Publico esses rascunhos pensando que, talvez, quem sabe, poderão dar ideia do como e do porquê. Trata-se, em verdade, da liquidação a preço reduzido do saldo de miudezas de uma vida bem vivida. Deixo de lado o grandioso, o decisivo, o terrível, o tremendo, a dor mais profunda, a alegria infinita, assuntos para memórias de escritor importante, ilustre, fátuo e presunçoso: não vale a pena escrevê-las, não lhes encontro de graça (AMADO, 2012, p. 12).

É preciso lembrar que, esses relatos, como assinala Bakhtin (2003), acerca dos gêneros do discurso, “refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional” (BAKHTIN, 2003, p. 261). É dessa construção composicional específica e atrelada ao gênero da autobiografia que se constroem os relatos de Jorge Amado.

O que assemelha o narrador de *Navegação de Cabotagem* e o de *Tieta do Agreste*? A princípio, podemos afirmar a posição, ou melhor, a contraposição que cada um assume textualmente. É evidente que se trata de gêneros textuais diferentes na maneira como são narrados e na sua arquitetura textual, o que leva a um direcionamento tanto de leitura como de condições autorais. Outro pacto a ser firmado. No entanto, propositalmente, levantamos essa aproximação/indagação com o fito de demonstrarmos as diferenças narrativas dentro do conjunto literário amadiano a partir dos pressupostos de Philippe Lejeune com o seu *O pacto autobiográfico* (2014). As variações de uma obra já pactuada como de ficção – aqui ilustrada a partir do narrador do romance *Tieta* – e outra de cunho autobiográfica: *Navegação de cabotagem*. Sobre essa diferença, Lejeune elege as seguintes categorias:

Simetricamente ao pacto autobiográfico, poderíamos estabelecer o *pacto romanesco* que teria ele próprio dois aspectos: prática *patente da não identidade* (o autor e o personagem não tem o mesmo nome), *atestado de ficcionalidade* (é, em geral, o subtítulo romance, na capa ou na folha de rosto, que preenche, hoje, essa função. Note-se que *romance*, na terminologia atual, implica pacto romanesco, ao passo que *narrativa*, por ser indeterminada, é compatível a um pacto autobiográfico) (LEJEUNE, 2014, p. 34).

Desse modo, as diferenças entre uma narrativa e outra residem nos “atestados” compreendidos na feitura dessas narrativas. Contudo, Lejeune em outro momento ressalta que é:

Certamente impossível atingir a verdade, em particular a verdade de uma vida humana, mas o desejo de alcançá-la define um campo discursivo e atos de conhecimento, um certo tipo de relações humanas que nada têm de ilusório. A autobiografia se inscreve no campo do conhecimento histórico (desejo de saber e compreender) e no campo da ação (promessa de oferecer essa verdade aos outros), tanto quanto no campo da criação artística (LEJEUNE, 2014, p. 121).

Finalizamos dizendo que, após navegarmos pelos “apontamentos do livro de memórias que jamais escreverei”, mas que, para nossa contemplação e da literatura brasileira, já está escrito, existe um desvelar do Jorge Amado autor e pessoa, bem como uma inserção do leitor na crítica e no processo criativo do escritor baiano. Aqui e ali algum desagravo marcado pela sinceridade e quiçá omissão do romancista. Relatos vivos e pujantes, marcados na primeira pessoa, que caminham pela linha perigosa, desafiadora e surpreendente da autobiografia. Desse modo, a leitura dessa autobiografia, traçada sob o fio da memória, abre-nos um entendimento maior sobre o conjunto literário e a vida de Amado, sobre a história do Brasil e de nossa gente.

Nessa vastidão de memórias, relatos e viagens, périplos infindáveis, aventuras políticas, artísticas e pessoais de todas as ordens, Amado nos convida a vivermos e assumirmos nosso lugar de *homens-narrativas*, como defende Lejeune. Porque não foi de/para outra coisa que o autor viveu, senão para a narrativa, seja a de sua vida ou a de suas personagens. Ao nos inserirmos como sujeitos-narrativas, ou sujeitos narradores, inserimo-nos no contexto sócio-histórico do qual fazemos parte e tomamos posições de vida frente à nossa história e a dos nossos semelhantes. Posição que as narrativas autobiográficas permitem a esses sujeitos, aos *homens-narrativas*: “A forma autobiográfica dá a cada um de nós a oportunidade de se crer um sujeito pleno e responsável” (LEJEUNE, 2014, p. 143).

Amado, portanto, como sujeito engajado no seu tempo e construtor de histórias, insere-se nesse contexto das grandes narrativas autobiográficas. Sendo assim, nos apontamentos escritos em *Navegação de Cabotagem*, é possível perscrutarmos as trajetórias pessoal e literária do autor a partir de seus relatos memoriais e autobiográficos que compõem as crônicas do livro. Um reflexo de sua vida em um tecido escritural que mistura realidade e ficção, vida e obra, apontamentos que servem de apoio ao entendimento do seu conjunto literário, do seu projeto político e estético. Portanto, faces que se conjugam nessa inesperada navegação de cabotagem.

Parafrazeando o poeta: “navegar é preciso, viver não é preciso”. Esse é o convite que Jorge Amado nos chama a embarcamos. Afinal, “ai quão breve a navegação dos curtos anos de vida!”.

#### REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge. *Tieta do Agreste*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 19.

AMADO, Jorge. *Navegação de Cabotagem*: apontamentos para um livro de memórias que jamais escreverei. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 261.

LEJEUNE, Phillipe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Tr. Jovita Maria Gerhein Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

#### **Douglas de Sousa**

Doutor em Literatura pela Universidade de Brasília (UnB); membro do Grupo de Estudos de Literatura e Cultura da UnB, professor UESPI e UEMA, PNPd CAPES UESPI. E-mail: doug.rsousa@gmail.com